

Só a bufonaria nos une!

Por Felipe de Menezes¹

Um festival que chega a trinta e cinco edições merece muitos aplausos, de todes nós, sobretudo por sua importância não somente para o Vale do Paraíba e São José dos Campos, mas para todo o interior do Estado de São Paulo. E isso só se tornou possível por conta de políticas públicas, que não nascem da boa vontade dos governantes e, sim, porque São José dos Campos tem um movimento de artistas da cena que é admirável a qualquer cidade do interior. E é por esses artistas que tanto empenharam seus esforços que esse festival existe.

Assistimos na noite de hoje, 21 de outubro de 2021, a um desses espetáculos que nos deixam boquiabertos: trata-se de *Leões, Vodka e um Sapato 23*, uma aventura pelo PLURlverso da bufonaria realizada pela Cia de 2 (mas que tinha quatro em cena e outres tantes na coletiva criativa da peça). O grupo resolve partir de uma tragédia ocorrida no ano de 2000 na cidade de Jaboatão dos Guararapes, região metropolitana de Recife, onde um garoto foi vítima fatal de quatro leões do Circo Vostok – episódio esse inserido nas grandes tragédias de circos pelo mundo. De posse desse fato histórico – que revelou a crueldade a que foram submetidos os animais selvagens que serviam para o entretenimento humano em circos – os quatro atores Adriano Laureano, Jean de Oliveira, Jonas di Paula e Guilherme Padilha resolvem documentar poeticamente a tragédia. Buscaram parcerias com artistas do calibre de Atul Trivedi e Roberto Rosa e encontraram possibilidades de um tratamento dramático para a pesquisa já em andamento. Ainda

¹ Felipe de Menezes é diretor, iluminador e professor de teatro. É autor de livros sobre a memória e a história do teatro no interior paulista. Atualmente é professor de história do teatro na Escola Livre de Teatro e no Teatro Escola Macunaíma. Fundador e diretor artístico do Forfé Teatro, em Piracicaba. Foi artista-orientador do Projeto Ademar Guerra. Foi professor de teatro na Fundação Casa, em Araraquara e na extinta Oficina Cultural de São Carlos. Foi membro titular do Conselho Municipal de Cultura de Piracicaba e presidente da Apite! (Associação Piracicabana de Teatro), além de ser um dos fundadores do Fentepira (Festival Nacional de Teatro de Piracicaba).

em buscas parceiros encontraram pelo caminho Dani Biancardi e Suzana Aragão – duas sumidades na atuação, pesquisa e ensino do humor.

Em cena os quatro bufões narraram o ponto de vista de algumas personagens da história real. O bando de bufões passa a no apresentar o seu “picadeiro de misérias” – metáfora perfeita para o mundo em decomposição na qual estamos inseridos. A miséria do mundo, do circo e dos leões não ocupa apenas o espaço da representação, mas estrapola e expõe a miséria pela qual nós artistas temos passado nos últimos tempos, sobretudo após o Golpe de 2016. Os leões-bufões – e somente eles – têm a competência para narrar, a partir do seu ponto de vista, toda a tragédia. É nisso que aposta a Cia de 2. A dramaturgia orientada por Suzana Aragão nos propõe uma questão-chave durante a encenação de Dani Biancardi: quem é o selvagem? Nesse sentido, a escolha pela bufonaria como linguagem poética é bem assertiva. É o elo que une todos os fios. Parece-me que somente leões e bufões poderiam nos contar essa história cheia de sangue e de dor.

Destacam-se a excelência e habilidades com que o quarteto, com afinidades profundas, encenam momentos de pequenas delicadezas em meio ao horror do fato histórico. Outro importante destaque da peça é a iluminação de Renato Junior que, com precisão, percorre toda a narrativa por vezes escondendo, por vezes desvelando toda espécie de violência. A belíssima imagem final do sapatinho de tamanho 23 só tem a nos dizer que nossa infância e liberdade estão sendo devoradas. Por quem?

Esse é um trabalho que precisa muito do encontro com o público, que se afinará na troca imediata com seus espectadores – razão pela qual é preciso que cotinuem na pesquisa da linguagem.

Nessas jaulas da necropolítica
é preciso estarmos
atentes e fortes!